

FEMINILIDADE E SUJEITO: COMPREENSÃO PSICANALÍTICA DA PERSONAGEM MACABÉA

*Silvânia Maria da Silva*¹

*Joyce Hilário Maranhão*²

RESUMO

As repercussões sobre o feminino não deixam de ecoar entre os psicanalistas. Freud encontrou no feminino um enigma que faz nascer a Psicanálise e mesmo propondo caminhos para que a mulher venha a tornar-se um sujeito desejoso, não foi suficiente para esgotar essa temática. Interpelado pela questão da feminilidade a partir da obra literária “A hora da estrela” de Clarice Lispector, este estudo buscou interpretar a ascensão do sujeito e o posicionamento no feminino. A leitura do romance está orientada a partir dos textos de Freud e Lacan, aproximando a literatura da psicanálise. As discussões se direcionam para a análise de um sujeito que tropeça na linguagem e que tem dificuldades para assumir sua sexualidade, mas que, afinal, nos leva a saber que não há uma fuga de si mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Feminilidade. Constituição psíquica. Desejo. Psicanálise. Literatura.

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual do Ceará

² Mestre em Saúde da Família. Professora dos cursos de psicologia da Universidade Estadual do Ceará, Uninassau-Fortaleza, Faculdade Ateneu.

INTRODUÇÃO

“eu sou, eu sou, eu sou. Quem era, é que não sabia”. Só agora entendia que mulher nasce mulher desde o primeiro vagido. O destino de uma mulher é ser mulher”. (LISPECTOR, 1995, p. 84).

Esse estudo discute a construção da feminilidade na obra literária “A hora da estrela” de Clarice Lispector, tendo a leitura analítica como mote da ideia do feminino em Psicanálise, fundamentando-se nos textos freudianos e lacanianos, a fim de compreendermos como a mulher pode sustentar sua posição de sujeito.

Desde Freud (1856-1939) o encontro com o enigma do feminino fez brotar também o encontro com o indecifrável. Essa foi uma questão para o desenvolvimento da psicanálise, a partir da constatação de que o sujeito se constitui ao se dar conta de algo que não pode ser totalmente revelado, mas que instiga a uma investigação que leva a fala. Lacan (1901-1981) abordou o feminino situando-o diante do desejo e do gozo. No encontro com a diferença sexual, em seu percurso para se tornar sujeito, cada novo ser se depara com essa falta, e, ao entrar na linguagem, ele é forçado a abrir mão de uma parcela de satisfação, lhe sendo vedado o gozo. A entrada no simbólico, campo das palavras, permite o acesso à falta originária do desejo. O feminino para Lacan se trata disso, do que não é alcançado pela linguagem, que é inacessível, perdido, castrado.

PERCURSO METODOLÓGICO

Abordamos a questão da constituição do sujeito do feminino identificados à luz da teoria psicanalítica na obra “A hora da estrela”. A pesquisa fundamenta-se em uma revisão bibliográfica interdisciplinar entre literatura e psicanálise. Por entender que a obra de Clarice Lispector traz à tona detalhes, falas, não ditos que remetem a uma aproximação com o feminino aqui estudado, ousou-se promover um encontro entre literatura e psicanálise.

A pesquisa em psicanálise subverte os métodos tradicionais de constatação da verdade e se ocupa muitas vezes do não pensável, do não dizível ou do não conceitual (Alberti; Elia, 2008). Justamente por esse fato, não se pode esperar uma sistematização completa do que será abordado e discutido nesse trabalho, tendo em vista a imprevisibilidade do inconsciente, objeto por excelência estudado pela psicanálise. Além disso, assim como cada analista encontra sua própria

singularidade de atuação clínica, o pesquisador descobre seu estilo de sustentar o saber psicanalítico em diálogo com outros campos de saber. Nesse sentido, apontaremos aproximações entre as experiências da personagem Macabéa com o que se produziu nos textos de Freud e Lacan.

A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA E A FEMINILIDADE: CONTRIBUIÇÕES FREUD-LACANIANAS

A feminilidade é um tema presente de modo recorrente nos escritos de Freud e Lacan. A questão que se coloca à psicanálise é como uma menina se transforma em mulher, ou seja, como este sujeito pode assumir e sustentar sua sexualidade. Em suas primeiras formulações, sobre o desenvolvimento sexual, Freud destaca as diferenças na constituição psíquica e os modos de enlaçamento social entre homem e mulher. Assim, torna-se necessário apontar quais são essas diferenças e suas peculiaridades e conseqüências quando se trata do feminino.

O processo de subjetivação requer a presença de um outro que exerça a função materna, a mãe ocupa este lugar e torna-se o primeiro objeto de amor para o seu bebê (FREUD, 1905/2016; 1914/2010a; 1920/2010b; 1923/2011a). A relação dual mãe-filho é possível devido à suposição imaginária de uma simbiose entre seus corpos e uma transição de desejo da mãe para o filho. Ao receber os cuidados alimentares e higiênicos, o corpo do bebê é perpassado pela pulsão, obtendo satisfação em determinadas zonas do corpo. Nesse primeiro momento, o bebê acredita ser o produtor de tal satisfação, uma vez que não há a separação de seu desejo do outro.

Para Lacan (1973/1988), a constituição do sujeito depende da relação que aliena o bebê ao discurso do outro. Esta é uma questão de estrutura, já que nascemos desamparados e necessitamos que os outros nos emprestem seus significantes.

No processo de constituição psíquica é necessário que ocorra a separação do outro. A relação dual entre mãe e filho sofre um corte produzido por um terceiro, posição ocupada por alguém ou algo que possa representar o Nome-do-Pai. É a castração narcísica operada pela função paterna que convoca a criança a se posicionar como um sujeito desejante, isto é, ser agente de seu discurso (FREUD, 1905/2016; 1914/2010a; 1920/2010b; 1923/2011a; LACAN, 1963/2005).

A entrada de um terceiro desenvolve uma triangulação na relação, cujos efeitos da resolução dessa fase de vida terão diferentes efeitos para o menino e para a menina. Essa fase é chamada de Complexo de Édipo e é o posicionamento psíquico da criança diante da castração edípica que permitirá um direcionamento de seu desejo para outros objetos de amor. Nessa fase, há a descoberta da diferença sexual devido a pulsão se concentrar na zona genital, sendo o pênis para o menino e a clitóris para a menina (FREUD, 1905/2016; 1914/2010a; 1920/2010b; 1923/2011a).

O pênis enquanto representante do falo será interpretado pelo menino como o sustentáculo de sua posição fálica, mas para a menina é a percepção da falta desse representante que a posicionará na posição de faltosa. O complexo de castração é uma experiência psíquica advinda da presença/ausência do pênis, colocando impasses diferentes diante da angústia da possibilidade da perda do falo pelo menino e da perda do falo para a menina. Temos aqui o direcionamento psíquico para o menino, este deve abdicar a posse da mãe como seu primeiro objeto de amor, aceitando sua castração narcísica e se identificar com a posição sexual masculina do pai a fim de que invista em outros objetos.

Freud (1933/2010) afirma que para assumir a feminilidade a menina deve abandonar o clitóris como zona erógena e ter acesso à vagina. A fase pré-edípica da menina ocorre de modo semelhante a do menino, pois a sua primeira escolha objetual é a mãe como efeito do contato durante os cuidados higiênicos que despertam as sensações genitais prazerosas. Essa relação dual rompe-se com a entrada do pai como alguém que possui o falo, assim, a menina passa a nutrir um sentimento de hostilidade com relação à mãe, uma vez que há a percepção de que ambas são faltosas por não possuírem um representante do falo. A consequência da passagem pelo complexo de castração para a menina é o acesso a outro objeto de amor, o pai, dando início, só agora, ao seu complexo de Édipo.

Algumas causas para a experiência de hostilidade da menina frente a mãe apontadas por Freud (1933/2010) é a suspensão da amamentação “imposta” pela mãe, devido a chegada de outro bebê. A menina, então, se sente destituída psiquicamente, lesada de seus direitos e acha que a mãe lhe foi infiel, demonstrando esse sentimento por meio de uma mudança de comportamento reprovável. Outra razão para essa hostilidade é a proibição por parte da mãe da ocupação prazerosa com os genitais encontrada pela menina, frustrando-a na sua busca pela satisfação

de seus desejos sexuais. Percebemos que a menina se sente em prejuízo com relação a sua posição sexual devido à substituição do investimento materno outrora direcionado a ela para outros objetos e ao adiamento da satisfação de seu desejo.

Lacan (1972/2003) concorda que há uma rivalidade da menina com sua mãe, justamente por essa não poder lhe fornecer uma referência fálica, uma vez que ambas são faltosas. Ao mesmo tempo, a menina deve se colocar ao lado de sua mãe a fim de assumir a posição do feminino e sustentar sua sexualidade, deste modo podendo ter um homem como objeto de escolha amorosa.

Compreendemos que a menina e o menino sofrem da mesma frustração diante do corte na relação com a mãe, ambos tornam-se sujeitos porque são castrados narcisicamente, isto é, faltosos (LACAN, 1963/2005). Deste modo, a questão pertinente para a psicanálise são os efeitos dessa castração para cada um a partir da diferença entre os sexos (FREUD, 1925/2011b) e a sustentação de uma posição desejosa que exige a produção de um discurso próprio. A desvantagem da não posse do falo e o desejo incessante de gozar irão reverberar na constituição psíquica da menina e, posteriormente, ocupará um grande papel na vida da mulher, o que pode leva-la à análise.

A vivência dessa teia familiar na mais tenra infância (LACAN, 1938/2003) transmite para o sujeito modos de construir laços sociais com os outros fora deste complexo. Compreendendo que a estruturação psíquica se dá no jogo de significantes, falamos em sujeito que é constituído na linguagem, primeiro como efeito do desejo do outro, que opera no lugar de maestria, depois, com a superação desse mestre cada um é interpelado a ser agente de seu próprio discurso. Ser ouvido no que há de singular em sua produção depende que haja um outro disponível para fazer laço transferencial, isto é, alguém que possa sustentar a sua palavra.

O psicanalista ancorado na ética do bem-dizer (LACAN, 1959-1960/1997; 1974/2003), se disponibiliza a ocupar o lugar de semblante para o outro, na função daquele que pode suportar o sofrimento e aquilo que o sujeito pode dizer sobre si mesmo sem, contudo, lhe oferecer resposta (LACAN, 1959-1960/1997; 1974/2003).

A psicanálise assume um compromisso com o desejo do sujeito do inconsciente, com “uma ética do singular, das respostas de cada analisante para o enigma de sua sexualidade” (ANDRADE JUNIOR, 2007, pág. 189). Nesse sentido, o que é demandado pela análise é o aparecimento de um desejo, revelado por

discurso cujo sujeito falante é convidado a sustentar. A pesquisa sobre o feminino pela psicanálise é um modo de também escutar as mulheres naquilo que estas produzem sobre si, isto é, escutar a verdade que advém do sujeito.

AS SAÍDAS DA FEMINILIDADE EM PSICANÁLISE

Para Freud (1933/2010) a descoberta da própria castração é um ponto importante no desenvolvimento da menina, dessa experiência têm-se três direções possíveis: inibição sexual ou neurose, complexo de masculinidade e feminilidade normal. A inibição sexual diz respeito ao abandono da masturbação clitoridiana, pois se renuncia a posição ativa, onde havia o direcionamento pulsional para a mãe, em prol de uma passividade na qual a menina irá se vincular ao pai. Nessa modalidade do feminino a menina sente-se mal por ser faltosa ao mesmo tempo em que identifica a falta do falo em outras mulheres até poder identificar que a mãe também é faltosa, daí abdicar da genitora como primeiro objeto de amor.

No complexo de masculinidade a menina não admite a falta do falo, mantendo suas atividades masturbatórias ainda pela via clitoridiana, ou seja, não direciona a erogenização para a vagina (FREUD, 1933/2010). A posição passiva originária da feminilidade é evitada, o que parece influenciar na escolha de objeto em direção a uma homossexualidade (FREUD, 1923/2010). Na vida adulta, mesmo não ocupando uma posição homossexual, a mulher pode se reportar ao período pré-edípiano e ao complexo de masculinidade, sobretudo depois de várias decepções com o pai, podendo assumir comportamentos homossexuais e alternando entre a posição de masculinidade e feminilidade (FREUD, 1920/2010).

Na terceira saída para a feminilidade, nos deparamos com o que Freud (1933/2010) nomeou de feminilidade normal, cuja menina abdica da mãe como primeiro objeto de amor e toma a figura do pai como novo objeto de investimento, a quem endereça o desejo de ter um filho. O encontro com a feminilidade aconteceria quando a mulher tivesse um filho, como forma de recompensa pela falta do falo. Na feminilidade madura há um alto grau de narcisismo expresso na necessidade da mulher de ser amada mais do que de amar, uma vez que se trata de recobrir de alguma forma a castração narcísica, assim a vaidade e o comportamento da mulher são os meios de poder encontrar esse amor do outro.

Há uma dificuldade apontada por Freud (1933/2010) que nos impossibilita de confirmar se o comportamento da mulher de se colocar como objeto para o outro se

deve a esse engodo da sua constituição psíquica ou ao constrangimento social que lhe é imposto. Isso, uma vez que o comportamento recatado e a beleza além de artimanhas da mulher para se fazer desejada, também são exigências sociais que lhe impõem um modo de desejar (ANDRÉ, 2011).

De acordo com Almeida (2012) o ideal de mulher passiva e mantedora do bom funcionamento do lar foi construído historicamente e socialmente. Nessas circunstâncias, a feminilidade se inscreve sob duas formas de alienação da mulher diante do próprio desejo: a primeira corresponde ao seu distanciamento do poder e do espaço social, o que, conseqüentemente, afasta a mulher da garantia dos seus direitos e da possibilidade de se tornar “sujeito de sua própria história” (KEHL, 2008, apud ALMEIDA, 2012); a segunda forma de alienação incide sobre sua subjetividade, cuja a mulher emudece e tornar-se socialmente invisível, isto é, não se apropria da fala como uma das possíveis formas de anúncio da posição fálica.

A feminilidade madura é uma experiência psíquica do estabelecimento do desejo feminino que tem primazia diante dos outros dois direcionamentos da sexualidade da mulher na teoria freudiana, embora a questão do feminino não tenham sido resolvida por Freud. A saída de ter um filho para se posicionar no feminino é questionada por Lacan (1985/2008), pois este considera que há uma limitação imposta pela própria dimensão feminina que há impossibilita de alcançar uma resolução.

Na leitura lacaniana sobre a sexuação e os modos de gozar, o homem está posicionado do lado do todo fálico, tendo acesso ao gozo fálico. A mulher, por sua vez, está do lado do não-todo fálico, portanto, ela não existiria porque não está toda inserida na norma fálica, está fora de uma significação (LACAN, 1985/ 2008). A posição feminina encontra uma limitação simbólica, uma vez que a palavra não dá conta deste algo que não é fálico e que escapa à linguagem. Deste modo, a dimensão do feminino escapa da simbolização e encontra o Real³, o indecifrável, implicando no modo como a mulher tem acesso ao gozo, isto é, a ela somente é possível o acesso há algo que iria para além do falo, o que lhe confere um gozo mais-além do falo, um gozo suplementar⁴ que depende de um significante.

3 Jacques Lacan propõe em sua teoria três registros do psiquismo: Imaginário, construção da imagem a que o indivíduo possa se identificar; Simbólico: acesso à linguagem e formação dos significantes; Real: o que escapa à linguagem e não pode ser nominado.

4 Que se refere a um gozo que vem no lugar do gozo fálico, que vem em suplência a este.

Em nossa análise situamos Macabéa nesse lugar de não-todo fálico, que goza a partir do que os outros lhe apontam como significantes. No entanto, há uma precariedade na oferta do amor pelo outro, Macabéa não é um objeto desejável, por mais artimanhas que possa fazer. Ela é, na verdade, ao contrário, a operação de uma castração exacerbada exercida pela tia que repercute em uma dificuldade na aderência a uma cadeia de significantes que a possam nomear e contar sua história de vida. Isso dificulta que a personagem produza uma narrativa de si e de seus desejos.

EU SOU, EU SOU, EU SOU...

Macabéa era tola, amarelada, nordestina, tudo aquilo que não causa desejo ao outro. Ser investida pelo olhar e escuta do outro era um ato difícil de ser sustentado, reverberando em um enlaçamento precário com os outros. Percebemos essa precariedade na inserção social nas cenas que se seguem: os pais que morreram sem nome, cuja única herança foi o anonimato, as dores de sobreviver à pobreza e o medo das doenças ruins; uma tia beata que restringe sua curiosidade de saber sobre sua sexualidade e o enamoramento pelos homens, sendo uma ameaça constante de devastação pela possibilidade de tomar seu único prazer; um namorado que a solicita que se cale para que ele possa gozar de sua suposta superioridade, mas que justamente faz com que Macabéa descubra em si um saber; uma amiga que aponta para uma possível identificação com o feminino e com a sensualidade; e uma cartomante que interpela essa mulher e apresenta um futuro promissor ao qual enfim Macabéa possa restituir-se psiquicamente.

A leitura analítica do livro “A hora da estrela” nos permitiu olhar para Macabéa como um sujeito que se depara tardiamente com sua sexualidade e, por conseguinte, com a sua feminilidade. Esta mulher tem dificuldades para assumir seu próprio desejo e construir um discurso sobre si, efeito de uma tardia nomeação de si e de uma ausência de uma história familiar. Macabéa recebeu seu nome somente após um ano de vida, quando “vingou” e superou as primeiras adversidades da pobreza do sertão de Alagoas, impostas a ela tão precocemente. Ela não tem acesso à história de vida e morte de seus pais, pois tinha apenas dois anos de idade quando ficou órfã.

O amparo do outro no começo da vida nos empresta significantes que nos permitem recobrir o cru da vida, sonhar quem somos e contar aos outros aquilo que nos tornamos. Macabéa era um “café frio” de quem se desviava o olhar, não havia quem pudesse lhe sustentar uma imagem identificatória. O que era possível à Macabéa era tomar de empréstimo uma imagem manchada de si, metáfora que aparece em seu rosto coberto por “panos brancos”. A personagem consumia a si mesma com o único luxo que se permitia: tomar um café frio para engolir de bom grado aquilo que a vida lhe servia, embora pagasse ainda com o seu corpo, vide as azias constantes após beber o café, o sofrimento de ser quem era.

A hora da estrela nos anuncia a história do desamparo de uma mulher que tem dificuldade de se fazer existir, ser singular e sustentar sua diferença. A interrogação “quem sou eu?” não pode ser feita, pois antes não houve o outro para lhe perguntar “o que desejava”. A precariedade de seus laços com o outro a fazem tropeçar na linguagem, na sua profissão de datilógrafa, no seu apego por anúncios sem nenhuma articulação significativa, ou seja, uma existência que tem dificuldade em fazer eco.

A simplicidade de Macabéa nos incomoda, pois estamos diante de uma personagem buliçosa, tal qual nos avisa o narrador dessa história. O que Macabéa nos interpela? Aqui está uma questão sobre os modos como o sujeito pode sustentar um discurso próprio, seu desejo e gozo, enfim, como pode reluzir tal como uma estrela que toma de empréstimo o brilho de outro.

Para Macabéa resta o destino: “já que sou, o jeito é ser” (LISPECTOR, 1995, on line), verdade arrebatadora que não lhe permite deslocar em busca de outros sentidos. As suas interrogações não encontram endereçamento, ou seja, seu apelo ao outro não é ouvido, o que lhe causa dificuldade inclusive em responder as poucas vezes em que é convocada: “você não fala nada?” (LISPECTOR, 1995, on line), eis a pergunta feita pelo namorado que a convoca a falar de si. A moça, aliás, acabava fugindo das indagações reais, pois “não sabia enfeitar a realidade” (LISPECTOR, 1995, on line). Diante do real, o simbólico e o imaginário se calam, diante do real as palavras são insuficientes e o vazio se instaura (LACAN, 1985/ 2008). Diante desse real, só restava então para Macabéa o vazio de sempre.

Macabéa não se interrogava sobre a vida que vivia porque pensava simplesmente que era “obrigada ser feliz” (LISPECTOR, 1995, on line), ela então se submetia a verdade, era mesmo obediente, como alguém que deve obedecer a um

mestre. A possibilidade de um comparecimento do sujeito aparece no enredo de Macabéa, pois há uma curiosidade metafórica sobre o que fazem as galinhas, interpretada por nós como uma interrogação sobre o feminino.

A chegada de um namorado, Olímpico, repete em Macabéa uma posição de assujeitamento, pois ele lhe aparece como aquele que sustenta um lugar de saber. Este homem era seguro de si, desenrolado, parecia saber tudo da vida e se comportava como se fosse todo fálico. No entanto, este homem também sabia de sua castração: “eu sei mas não quero dizer” (LISPECTOR, 1995, on line) solução encontrada por Olímpico diante das perguntas sem resposta de Macabéa, em uma tentativa de recobrir a sua falha em sustentar a posição de mestre. Lacan (1969-1970/1992).

Macabéa por sua vez, assume que “só sei ser impossível, não sei mais nada” (LISPECTOR, 1995, on line). Este não saber a induz a uma histerização do discurso diante desse mestre que fora Olímpico. Aos poucos, com ele, ela vai se sentindo “corajosa e arrojada” (LISPECTOR, 1995, on line). Há uma mudança no discurso em Macabéa, como alguém que entra em um processo analítico, ela assume um discurso interrogativo, mas ainda não há alguém que possa lhe responder, conforme é demarcado pela fala de Olímpico: “você não reparou até agora, não desconfiou que tudo que você pergunta não tem resposta?” (LISPECTOR, 1995, on line).

O medo de inventar a si mesma que até então lhe fazia companhia vai recuando para dar lugar à ascensão de uma feminilidade, tornando-se “senhorinha” (LISPECTOR, 1995, on line) para o outro. Macabéa, enfim, pode enfeitar sua vida de alguma cor, com o seu batom vermelho, e em seu corpo pode ser lido algo de sensual, ou seja, há o início da escrita de um discurso próprio. “Ela era calada (por não ter o que dizer), mas gostava de ruídos” (LISPECTOR, 1995, on line), esse trecho representa a descoberta que ela pode produzir também seus ruídos e sustentar seu desejo, seus pequenos prazeres sozinha, e, inclusive, sustentar a culpa de desejar ser o que se é.

Agora tomando para si seu desejo também pôde deparar-se com sua sexualidade, ter acesso a uma inscrição sexual que fora castrada pela tia na infância. No encontro de Macabéa com Olímpico “bastou-lhe vê-lo para torná-lo imediatamente sua goiabada-com-queijo” (LISPECTOR, 1995, on line), sem que para isso precisasse pedir permissão a alguém. O porquê desse encontro tardio com sua sexualidade e a sustentação de sua posição feminina remete-se à figura da tia,

um outro tão devastador na sustentação do Nome-do-pai (LACAN, 1963/2005) e na operação da castração que lhe impede de acessar o seu desejo e a sua sexualidade com os interditos do namoro e de saborear seu alimento preferido: goiabada-com-queijo.

Quando dormia quase que sonhava que a tia lhe batia na cabeça. Ou sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada. Quando acordava se sentia culpada sem saber por quê, talvez porque o que é bom devia ser proibido. Culpada e contente. Por via das dúvidas se sentia de propósito culpada e rezava mecanicamente três ave-marias, amém, amém, amém (LISPECTOR, 1995, on line).

Há também uma dificuldade dessa personagem no acesso à sexualidade referente ao complexo familiar (LACAN, 1938/2003), dos pais as poucas coisas que Macabéa herdara fora o nome que carrega o sentido da morte em vida- seu nome é uma homenagem a Nossa Senhora da Boa Morte- e o medo de “pegar doença ruim lá embaixo” (LISPECTOR, 1995, on line). Há uma associação entre os significantes da morte e da sexualidade, pois ambos são segredos na história de Macabéa, não lhe permitindo dar um sentido próprio a essas experiências. Quem lhe emprestava sentido era uma tia beata que lhe apresentou a culpa e o nojo como significantes.

O narrador afirma que Macabéa era obediente à tia, ou seja, ela obedece abrindo mão de sua sexualidade, pois “até mesmo o fato de vir a ser uma mulher não parecia pertencer à sua vocação” (LISPECTOR, 1995, on line). Essa passagem nos mostra um posicionamento diante do Outro abrindo mão de sua satisfação sexual, contudo, com impasses diante da sustentação da feminilidade em alguma das três saídas possíveis (FREUD, 1933/2010).

Na obra, a constituição do sujeito e a ascensão do feminino são demarcadas de maneira sutil, em pequenos gestos realizados pela personagem. Como exemplo, trazemos um pequeno fragmento: Macabéa inventa uma desculpa, falta ao trabalho e fica em casa sozinha, se dá ao luxo de se enxergar, de se dar alguma coisa e fica “diante do espelho para nada perder de si mesma” (LISPECTOR, 1995, on line). E como bem lembra o narrador: “encontrar-se consigo própria era um bem que ela até então não conhecia. Acho que nunca fui tão contente na vida, pensou. Não devia nada a ninguém e ninguém lhe devia nada. Até deu-se ao luxo de ter tédio — um tédio até muito distinto”. (LISPECTOR, 1995, on line).

Mesmo após a perda do seu objeto de desejo- Olímpico se enamora de uma amiga do trabalho de Macabéa- ela já não tem a necessidade de que um outro lhe

sustente qualquer verdade, já tem uma cadeia de significantes próprios, mesmo ainda precariamente. Assim, colore mais uma vez sua vida com um batom vermelho mais vivo e busca na cartomante alguém que possa lhe fazer semblante. Tornar-se sujeito é ter contato com algo da ordem do não explicável, do que não se pode falar (LACAN, 1985/ 2008), eis que Macabéa chega a algum saber sobre si ao responder a sua amiga sobre a perda de seu namorado. Ela afirma: “não se conta tudo porque o tudo é um oco nada” (LISPECTOR, ano, on line).

Ao se deparar com esse oco, Macabéa agora tem sede de palavras. Nessa busca para recobrir a falta, encontra uma cartomante a quem deposita a crença de poder ler seu sofrimento e seu futuro. Há aqui uma repetição de uma posição de assujeitamento em troca de uma verdade? Ou a ascensão de uma produção discursiva do sujeito? Macabéa escuta mais uma vez o destino que lhe é dado por outro, um estrangeiro que casará com ela e lhe dará um filho, promessa essa que faz com que uma mulher se posicione do lado da feminilidade normal (FREUD, 1933/2010), muito embora saibamos com Lacan (1985/2008) que a promessa da posse de um falo não será mais uma saída para a mulher, pois o acesso ao feminino está em um mais-além do falo. Ao mesmo tempo, no feminino o gozo é suplementar, pois depende de um significante. Como se sustentar em um sentido que não lhe é próprio? A promessa de um estrangeiro está fora da rede de significantes produzidos por Macabéa. Tomar essa ideia de um outro, portanto, um significante estrangeiro, foi a tentativa de se vincular a esse discurso tornando-o também seu, mas é justamente isso o que a leva para um fim trágico: a morte.

A mudança pelas palavras traz uma possibilidade de ressignificação para Macabéa, saída encontrada para esta mulher, para não mais tropeçar na linguagem, para, enfim, produzir sua verdade, como nos fala o narrador “se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho” (LISPECTOR, 1995, on line). Tornar-se humano foi o brilho final dessa estrela, assim, a amarela, nordestina, de pele manchada mesmo depois de ser atropelada e se avizinando com a morte, nasce, encontra vida pela primeira vez: “primeiro dia de minha vida: nasci” (LISPECTOR, 1995, on line).

Chegamos ao ponto em que falar de Macabéa nos incomoda tal como ao narrador. Identificamos neste a mesma causa que nos interpela a olhar a personagem, sem, contudo, sentir pena ou prazer, mas desejosas em escutá-la. O analista constrói essa mesma relação com seus analisandos, uma relação

transferencial fundamentada no bem dizer (LACAN, 1959-1960/1997; 1974/2003). É por sustentar a posição de semblante para o outro que podemos atuar em um primeiro momento como objeto que causa o desejo naquele, e é assim que podemos receber aquilo que ninguém mais quer saber.

O narrador, vislumbrado aqui na posição de analista, sabe de todos os percalços que é sustentar um lugar de supor saber, aquilo que jamais se teve a pretensão de ser sabido. Macabéa era tão desconhecida do narrador quanto de nós leitores, mas poder escutar sua história e seus tropeços nos laços sociais nos faz a convocar a assumir uma posição ativa que não lhe foi possível até o momento da história que nos é contada.

Este é o ofício do analista, brincar de bola sem bola, ou seja, ocupar o lugar de escuta do desejo do outro, sabendo-se desejoso e faltoso tal como o analisando, mas sem desejar a beneficência deste outro como um bem que se quer a si mesmo. O único desejo do analista é de sustentar a ética do sujeito do inconsciente, deixando que a história se construa a partir do lugar de causa do desejo-objeto para o outro. O narrador da história então toma esse lugar de “vazio pleno” (LISPECTOR, 1995, on line) que não busca necessariamente por resultado, mas que abre espaço para que se instale um sujeito desejante, para que surja uma estrela.

CONCLUSÃO

O feminino em psicanálise é um tema que nos é caro enquanto analistas em formação, pois esta é uma questão aberta pela intensidade e complexidade diante do que vem a ser uma mulher. Esta abertura foi o que nos causou e orientou nessa leitura analítica da obra “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector. O encontro com Macabéa nos permite uma aproximação com os modos que uma mulher encontra para fazer-se sujeito e produzir um sentido sobre si e sobre os seus enlaçamentos sociais, por mais que este sentido não exista como algo alcançável.

A personagem não pôde significar suas experiências como uma verdade que era sua, ou seja, não pôde sustentar uma produção discursiva que fosse sua, sendo pega de surpresa por um gozo do qual nunca tinha tido acesso, encontrando como única saída possível a morte. A psicanálise, no entanto, acredita que há opções para lidar com esse gozo que não seja necessariamente mortífero. O encontro com o vazio, com a falta de sentido, pode ser também a possibilidade de se construir algo,

de fazer algo com o nada, com o oco, mas isso só cada um em seu próprio processo será capaz de responder.

Para que se possa escutar o sujeito é necessário uma disposição para colocar-se ao outro como semblante, para que este se descubra como falante. O analista pode se posicionar como este que sustenta o sofrimento do outro, mas sem desejar o bem para este, pois está fundamentado na ética do desejo do sujeito do inconsciente, ou seja, na forma como cada um, em sua singularidade, encontra modos de colorir e de sustentar sua sexualidade.

Tornar-se sujeito não implica necessariamente em grandes transformações, isto é, o sujeito irá encontrar caminhos possíveis para lidar com seu sofrimento e para sustentar o próprio discurso. Por fim, não temos em Macabéa um romance de uma mulher com grandes conquistas na vida, mas nos deparamos com alguém que pôde se encontrar com seu desejo e fazer dele algo produtivo. Macabéa nos convoca para aquilo que todos os humanos se deparam algum dia da vida, com o sujeito que se pode ser.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S.; ELIA, L. Psicanálise e Ciência: o encontro dos discursos. *Rev. Mal-Estar Subj.*, v. 8, n. 3, p. 779-802, 2008.

ALMEIDA, Angela Maria Menezes de. Feminilidade: caminho de subjetivação. *Estud. psicanal.*, n. 38, p. 29-44. 2012,

ANDRADE JUNIOR, Moisés de. O desejo em questão: ética da psicanálise e desejo do analista. *Psyche (São Paulo)*, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 183-196, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382007000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 maio 2018.

ANDRÉ, S. O que quer uma mulher? Tradução de Dulce Duque Estrada. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

FREUD, S. Os Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: FREUD, S. Obras completas. São Paulo: Cia das Letras, 2016. v. 12.

_____. Introdução ao narcisismo. In: FREUD, S. Obras completas. São Paulo: Cia das Letras, 2010a. v.12.

_____. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. Obras completas. São Paulo: Cia das Letras, 2010b. v. 14.

_____. Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina. In: FREUD, S. Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras. 2010. v. 15.

_____. O Eu e o ID In: FREUD, S. Obras completas. São Paulo: Cia das Letras, 2011a. v.16.

_____. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos In: FREUD, S. Obras completas. São Paulo: Cia das Letras, 2011b. v. 16.

_____. A Feminilidade. In: FREUD, S. Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18.

_____. Análise Terminável e Interminável In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 23.

LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: LACAN, J. Outros escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 29-90

_____. O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997.

_____. O seminário livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. Os nomes do pai. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

_____. O Aturdido. In: LACAN, J. Outros escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 448-497.

_____. O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. Televisão. In: LACAN, J. (Org.). Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.

_____. O seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LISPECTOR, Clarice. A Hora da Estrela. Disponível em: <<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/lispector-c-a-hora-da-estrela.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

FEMINITY AND SUBJECT: PSYCHOANALYTIC UNDERSTANDING OF MACABÉA CHARACTER

ABSTRACT

The repercussions on the feminine do not stop echoing among the psychoanalysts. Freud found in the feminine an enigma that gives rise to Psychoanalysis and even proposing ways for the woman to become a willing subject, was not enough to exhaust this theme. Interpellated by the issue of femininity from the literary work "A hora da estrela" by Clarice Lispector this study sought to interpret the ascent of the subject and the positioning in the feminine. The reading of the novel is guided by the texts of Freud and Lacan approaching literature of psychoanalysis. The discussions are directed towards the analysis of a subject who stumbles in the language and who has difficulties to assume his sexuality, but that, after all, leads us to know that there is no escape of itself.

KEYWORDS: Femininity. Psychic constitution. Desire. Psychoanalysis. Literature.

FÉMINITÉ ET SUJET: COMPRÉHENSION PSYCHANALYTIQUE DU CARACTÈRE MACABÉA

RÉSUMÉ

Les répercussions sur le féminin ne cessent pas de faire écho chez les psychanalystes. Freud a trouvé dans le féminin une énigme qui donne lieu à la psychanalyse et même en proposant des moyens pour que la femme devienne un sujet volontaire, ne suffisait pas pour épuiser ce thème. Interpellée par la question de la féminité de l'œuvre littéraire "A hora da estrela" de Clarice Lispector, cette étude cherchait à interpréter l'ascension du sujet et le positionnement au féminin. La lecture du roman est guidée par les textes de Freud et de Lacan abordant la littérature de la psychanalyse. Les discussions sont orientées vers l'analyse d'un sujet qui trébuche dans la langue et qui a des difficultés à assumer sa sexualité, mais cela nous amène, après tout, à savoir qu'il n'y a pas d'échappatoire à lui-même.

MOTS-CLÉS: Féminité. Constitution psychique Le désir Psychanalyse. Littérature

Recebido em: 10-11-2018

Aprovado em: 06-12-2018

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>
revista@psicanalisebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>